

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fon **NA TRILHA DOS INDIOS KARAJÁ - XIX**

Dat

Porco do mato se caça com borduna

Gontran da Veiga Jardim

Correio da Manhã - 10/12/67

Certa vez, um grupo de caçadores Karajá saiu para matar o "javali brasileiro" — o queixada, o porco do mato valente e bravo. O queixada, assim conhecido por suas presas enormes e perigosas, só anda em bandos, e até a onça pintada foge quando encontra uma "vara" de queixadas. Localizada a "vara" (bando) os Karajá formam um cerco em "U", que se assemelha a uma ferradura. Os guerreiros só levam a borduna. O bando de queixadas bate os dentes e na mata se ouve um matraquear que lembra rajadas de metralhadoras.

Os índios sacodem as árvores menores e surge então um ruído estranho, misturado a gritos. Os porcos selvagens permanecem em expectativa, à espera de um ataque. O capitão do grupo, o queixada mais valente, localiza, pelo ouvido e pelo faro, a brecha da salvação. Dali, do lugar neutro, nenhum barulho. Então, o grande porco selvagem conduz o seu bando para esse local, na esperança de fugir do cerco. Já preparados, os índios, sempre gritando, atacam o bando de porcos. Os porcos que se atrasam são logo mortos a golpes de borduna. A confusão é geral. Alguns guerreiros correm à frente da "vara" de queixadas e assim, à semelhança do vaqueiro experimentado, levam o bando ao local desejado, geralmente um lago ou uma lagoa.

Na corrida desenfreada, os porcos caem na água, mas não são bons nadadores. Os exímios pescadores e nadadores do Araguaia entram no lago e começa o massacre. Outros guerreiros mais atirados mergulham e puxam as pernas dos porcos, matando-os afogados. Outros seguram o cachoço do javali e sangram-no com a faca afiada. Basta um golpe. Cada guerreiro mata, no mínimo, cinco porcos. Ao final do safari, mais de 100 queixadas estão em poder dos índios. É comida para uma grande festa na aldeia. Essas façanhas são comentadas durante meses, cada um ressaltando a sua proeza. É sempre bom não esquecer que o queixada é o animal mais feroz das selvas brasileiras. O caçador branco experimentado, quando leva o seu cão, sobe a uma árvore com o rafeiro debaixo do braço, para salvá-lo da investida sangrenta do porco selvagem que, como o javali africano, dá golpes dilacerantes no inimigo. Ele sabe que se deixar o cão livre, não mais o terá de volta.

Uma "vara" de queixadas tem geralmente de 400 a 600 porcos, todos juntos. É uma verdadeira avalanche que cai sobre a mata, derrubando tudo pelo caminho. O Karajá não os teme, mas age com prudência e bravura. Matar um porco de 70 quilos, ágil e irado, não é tarefa para qualquer um. E o Karajá os enfrenta frente a frente. É uma luta corpo a corpo.

Certa ocasião, um grupo de índios viu uma luta entre uma onça pintada e um grupo de três queixadas. A onça, o ani-

mal mais temido das selvas brasileiras, foi dilacerada. A luta durou horas e no final a fera foi devorada pelos porcos famintos. O cão caçador que se atrever a enfrentar um queixada terá o corpo retalhado, mas geralmente são usados cães experimentados, que nunca chegam à luta frente à frente. Ele apenas localiza e acua o bicho, mas não aceita o combate. Isto cabe ao caçador, que com um tiro certeiro prostra a fera.

Uma vez, um grupo de Karajá aportou a canoa numa praia. De repente, um bando de queixadas, uma centena, investiu contra os caçadores, que foram apanhados de surpresa. O bando atacou feroz. Só restou uma saída: correr, entrar na canoa e afastar-se o mais possível da horda selvagem, que ficou à beira do rio grunhindo e roçando de raiva e desapontamento. Os caçadores, habilmente, subiram rio acima e entraram pelo mato para surpreender os porcos pela retaguarda. Uns dez porcos foram mortos. O resto embrenhou-se pelas matas.

Entre os índios corre uma lenda sobre o porco do mato. O grande porco, o líder da "vara", o guia do grupo, é montado pelo saci-pererê. Antes de um adequadamente preparo espiritual para a caçada, a porcada não é encontrada. Apenas vestígios são vistos. Mas o guerreiro mais experimentado sabe como combater as artimanhas do saci: coloca num ôco de pau um cachimbo com fumo, bem à vista, porque sabe que o saci-pererê não pode passar sem o "pito".

Depois de feita a "mandinga", o guerreiro avisa os companheiros que chegou o dia da caçada. Adverte que os porcos estarão mais furiosos. O interessante é que o "mandingueiro" não leva arma de caça. Simplesmente acompanha, para ajudar a localizar o bando. Descoberto este, o guerreiro autor da "mandinga" sobe a uma árvore e ali fica assistindo ao massacre. Sempre que o porco selvagem deixa de atender ao apelo e, para agradecer a oferta do cachimbo, monta o porro gigante e encaminha a "vara" de queixadas ao local onde se encontram os caçadores.

A lei é dura e certa: o guerreiro que fez a "mandinga" não pode participar da matança, porque ficará "panema" (aniquilado) como caçador, para o resto de sua vida. Sua missão é fazer o pedido ao saci, duende das matas que não perdoa a infração. Quando o guerreiro põe o cachimbo no ôco do tronco, ele se compromete com o saci de que não fará mal aos porcos. Mas isto não passa de uma artimanha: a promessa é pessoal. Os outros guerreiros poderão matar à vontade. As caçadas são proibidas ao guerreiro cuja mulher estiver menstruada. Se quebrar essa superstição, nada conseguirá. O grupo de que fizer parte também será prejudicado.

16
B. de S. M.